



Antonio Hohlfeldt

Teatro

a_hohlfeldt@yahoo.com.br

Uma ópera sobre um idiota

Em 1832, quando a obra estreia, o público queria receber óperas como essa: *O elixir de amor* faz um estrondoso sucesso, como o faz ainda hoje, seja em Nova York, em Lisboa ou em Porto Alegre. O enredo é quase idiota: um camponês ignorante encontra-se apaixonado pela dona da propriedade rural em que ele trabalha. Como chave de interpretação da obra, Adina (a mocinha) está a ler para os seus trabalhadores camponeses (uma boa moça, ela) um romance que remete às narrativas medievais, a história de Tristão e de Isolda. Seja como for, o tal elixir de amor, que ajuda Isolda e Tristão, vai entrar pelos ouvidos do ingênuo camponês para lhe fazer um catastrófico estrago.

Nemorino, o pobre coitado mocinho, interpretado apaixonadamente pelo tenor Felipe Bertol, dispõe-se a sacrificar o dinheiro que não tem para adquirir o tal elixir de tão miraculosos poderes. Ele teme, sobretudo, o enfrentamento com Belcore, um sargento de passagem pela aldeia, que pretende alcançar os favores da jovem e bela proprietária. Se ela não está interessada em Nemorino, menos ainda em Belcore (o baixo-barítono Daniel Germano), até o momento em que, graças a um enredo em que as coisas vão acontecendo assim, meio que de repente, ela resolve se vingar do enamorado, porque este já não parece tão interessado nela quanto antes. O enredo esdrúxulo se completa com o charlatão Dulcamara (o também baixo-barítono Guilherme Roman), que logo vende ao camponês o tal elixir de que ele necessita.

Se o enredo é simplório, seus diferentes momentos o são ainda mais. Mas não façamos perguntas complicadas como: se o camponês é tão imbecil, como explicar que a jovem proprietária acabe se apaixonando por ele (claro, porque sem isso não teríamos o imprescindível final feliz)? E o charlatão, não vai ser denunciado? Bom, parece que 1832 permitia muitas crendices semelhantes às que temos em 2025, com intervenções de ETs para mudar resultados eleitorais... Seja como for, não pelo efeito do elixir, mas porque *il faut*, para agradar ao público, o casal se concretiza, para goáudio da plateia.

O que salva, mesmo, o amalucado libre-

to de Felice Romani, é a melodia edulcorada de Gaetano Donizetti. Ela faz fluir levemente o enredo e os diálogos, e ao fim do espetáculo, como que a presentear quem chegou até ali, revela a ária *Una furtiva lagrima*. A voz de Felipe Bertol é perfeita para o momento, e a plateia explode em aplausos, entusiástica e justificadamente. Elisa Lopes, já havia anotado em uma outra coluna, tem um timbre muito bonito, com desenvolvimento avulso e melodioso. Como diz o machista Belcore, vá lá a gente entender as mulheres... Ela pode casar com o soldado, mas acaba se contentando com o camponês.

A direção de Henrique Cambraia, que também assina a cenografia (com Eduardo Menna) e o figurino (com Letícia Krenzinger) tratou de naturalizar a encenação, imaginando-a numa aldeia colonial italiana. Cuidou, ainda, de propor ações dramáticas paralelas, de modo a dinamizar o espetáculo. De modo geral, deu tudo muito certo, salvo

quando a noiva (Adina) é levada a esmagar uvas dentro de uma tina: a passagem é ridícula, e não tem nada a ver com a ópera bufa. A cenografia está bem resolvida, os figurinos conseguiram bom efeito (contemporâneos e, ao mesmo tempo, de época, como o de Belcore), mas a ilumina-

ção dormiu no ponto: cada vez que algumas personagens entravam em cena eram precedidas de sombras por trás do muro que separava os dois espaços da cena, à esquerda do público, o que poderia ter sido facilmente evitável, apenas deslocando um *spotlight*.

De modo geral, a montagem da Companhia de Ópera, que enfrentou muitos problemas de recursos, conseguiu resolver bem os desafios da montagem. A cena está alegre, graças e um influxo mais decidido da luz branca; o coro desempenhou-se com naturalidade e, enfim, já que era uma ópera bufa, Daniel Germano e Guilherme Roman quase roubaram a cena, não tivesse o público ido até lá para torcer pelo mocinho e a mocinha. Ah, para não esquecer, e porque é importante: o maestro Evandro Matté garante a tranquilidade, com domínio total da partitura e uma singeleza na regência. Igual juiz de futebol: é bom porque não aparece, mas faz a orquestra soar muito bem.

*Se o enredo é
simplório, seus
diferentes momentos
o são ainda mais.
Mas não façamos
perguntas complicadas*



Hélio Nascimento

Cinema

hr.nascimento@yahoo.com.br

Desafios

O tema relacionado a problemas surgidos pela presença de novas formas de exibição de filmes proporciona a oportunidade para reflexões que, pelo menos, evitem previsões pessimistas, sem deixar de expor dilemas que se colocam de forma a tomar a forma de poderosas ameaças. Qualquer espectador atento poderá perceber que a programação nas salas comerciais vem apresentando sinais de empobrecimento. Está havendo um desinteresse por obras para espectadores adultos e uma fixação em títulos que vivem de efeitos especiais. O cinema dedicado ao público infantil sempre será no cinema algo importante e indispensável. A própria história de nossa arte registra em tal gênero várias obras-primas, tanto no desenho animado como nos filmes de marionetes, isso para não falar em aventuras capazes de fascinar espectadores de todas as idades. Mas, nos últimos anos, são poucos os que são capazes de unir gerações. Um outro local do atual cenário é aquele que registra o vazio que aos poucos vai aumentando com a aposentadoria e mesmo a definitiva ausência de alguns mestres. A lista é grande e inevitável, causada pela impiedosa passagem do tempo. Mas não é saudosismo

verificar que seleções elaboradas por aficionados de vários países e que revelam a opinião de diversas gerações raramente incluem filmes do século XXI.

É necessário atentar, também, para o fato de que atualmente quando um filme alcança 100 mil espectadores no mercado brasileiro o fato é saudado com o maior entusiasmo e motivo para festas. Porém, sem o objetivo de diminuir a felicidade de muitos, e isso para não falar em outros títulos, é necessário lembrar que *Dona Flor e seus dois maridos* atraiu mais de 10 milhões de pessoas e que *Tubarão* ultrapassou tal marca, chegando a 13 milhões. Além disso, *Titanic*, que reabriu cinemas que haviam fechado, é o recordista, com 16 milhões de ingressos vendidos. Tais números evidenciam que o setor de exibição cinematográfica está enfrentando concorrentes poderosos, muito bem organizados e, além disso, beneficiados por tecnologias

cada vez mais eficientes. Provavelmente, tais concorrentes estão vencendo um setor cujas respostas evidenciam não ter força e nem imaginação para o combate. Transformar salas de exibição em parte de parques de diversão ou em restaurantes não é algo que favoreça nossa arte. A mudança é eterna, mas é importante um olhar atento para o processo. É de estranhar, portanto, o silêncio diante dele por parte de comunicadores e atentar o fato de vários canais oferecerem amplos espaços que antes eram ocupados por filmes, salvo quando algum nome famoso por seu trabalho justamente exaltado completa seu ciclo.

Mas o cinema não desaparecerá. Recentemente, a Netflix comprou o maior cinema de Los Angeles, equipando-o com todos os meios de projeção, inclusive os mais antigos para aproveitar materiais originais. E há poucos dias foi noticiado o interesse da mesma empresa pela aquisição da Paramount. Com isso, voltarão à tela certa muitos clássicos que pertencem ao acervo da produtora de *Um lugar ao sol* e também filmes novos que terão no Chinese Theatre uma vitrine e o melhor espaço para ser conhecidos. No Brasil, as salas especiais - aqui em

*Transformar salas de
cinema em parte de
parques de diversão
ou em restaurantes
não é algo que
favoreça nossa arte*

Porto Alegre, as três da Cinemateca Paulo Amorim e mais as da Cinemateca Capitólio, do CineBancários e do Cinema Universitário da Ufrgs - são importantes locais de resistência. Agora é esperar que os demais exibidores atentem que o mais importante é a qualidade de projeção, e também um cuidado em preservar o público que continua prestigiando a arte das imagens em movimento. E resta também aguardar que *O agente secreto* confirme os elogios que tem recebido e que o público compareça, a fim de prestigiar, com elogios ou críticas, um filme que tanta repercussão vem alcançando em suas exibições em festivais e em espaços culturais em outros países. Depois de *Ainda estou aqui*, um exemplo de como cinema pode ser forte na denúncia sem cair no discurso superficial e no lamentável sectarismo, é justo esperar que o cinema nacional continue frequentando o espaço onde se encontram os melhores.